

Eleição desfez velhas “repúblicas” de parlamentares

Teresa Cardoso

Brasília — A chegada dos parlamentares para o ano legislativo a iniciar-se em março põe fim a algumas das tradicionais repúblicas que proliferam em Brasília a cada legislatura, e morrem com a mudança que as urnas impõe a seus ocupantes. Algumas das malas que já começaram a ser arrumadas pertencem ao ex-Senador e agora Governador eleito de Minas, Tancredó Neves, e ao presidente nacional do PMDB, Deputado Ulysses Guimarães, que dividia um apartamento com o petebista Nelson Carneiro.

Uma das mais velhas repúblicas a desfazer-se agora é a ocupada há 20 anos por Tancredo Neves e pelo técnico legislativo do Senado Tonson Laviola. Tancredo troca o apartamento da Superquadra Sul 309 (Centro de Brasília) pelo Palácio das Mangabeiras, em Belo Horizonte. Tonson talvez aceite o convite de outro parlamentar para formar uma nova república. “Eu queria avisar ao Sr que já estou enraizado aqui, que não quero mais voltar para Minas”, disse ele a Tancredo na última vez que o viu.

República de três

A amizade de Tonson (solteiro, 50 anos) com Tancredo começou em 1960, quando este se candidatou ao Governo de Minas e foi derrotado por Magalhães Pinto. Em 1962, eleito deputado federal, Tancredo convidou Tonson, que o ajudara na campanha, a vir para Brasília. Aqui, o cabo eleitoral empregou-se no Senado mas a escassez de moradia em Brasília (com apenas dois anos de inaugurada) obrigou os dois a dividirem um apartamento funcional. Nessa república morou também, durante 16 anos, o deputado pedessista Aécio Cunha, genro de Tancredo.

Foi uma das repúblicas que mais deram certo em Brasília, testemunha Tonson, acrescentando: “A convivência sempre foi fácil e veja que eu nem gosto mais de política. Quando chego à noite em casa não quero nem saber de Partido. Mas nunca passo dos limites”. Na república, Tonson era o encarregado dos pagamentos e também o mais preocupado com o funcionamento da casa. Nunca almoçava ali, mas cuidava para que a cozinheira Nazaré fizesse sempre os pratos mineiros preferidos de Tancredo, embora acordasse às 7h e Tancredo às 8h, providenciava para que este encontrasse sempre à mesa laranjas, pêras, melão e uvas.

Nelson e Ulysses

Tão harmoniosa quanto a de Tancredo foi a república de sala, cozinha e três quartos em que conviveram, por 12 anos, o Deputado Ulysses Guimarães e o Senador Nelson Carneiro na Superquadra Sul 309. Segundo a cozinheira Maria Helena, nunca se viu um lar tão calmo. “Eles nunca alteravam a voz e nunca reclamaram de nada. Também não eram exigentes. Imagine que o café da manhã era sempre leite, pão, manteiga, queijo, como todo mundo”.

A harmonia da república foi desfeita com o anúncio de que eleita deputada federal, a presidente do PTB, Ivete Vargas, muda-se para Brasília. Mesmo quando abandonou o PMDB, ingressando na legenda trabalhista, Nelson Carneiro insistiu com Ulysses na manutenção da república. Ele entendia que sua amizade com Ulysses estava acima das diferenças partidárias, contou um parlamentar do convívio de

Conhecidos os resultados das urnas, Ulysses, segundo o mesmo amigo comum, preferiu não causar constrangimentos a Nelson Carneiro, quando este quisesse receber Ivete Vargas para tratar de política. A presença da deputada em Brasília leva o presidente do PMDB à presunção de que essas visitas serão freqüentes. Desfeita a república, a solução que ele encontrou para o seu problema de moradia foi mudar-se para um hotel.

Mas nem todo parlamentar tem habilidade, método e organização para morar em república. Há um exemplo conhecido. Os Deputados Jorge Moura, Leônidas Sampaio e Joel Lima — do PMDB fluminense — dividiram durante toda uma legislatura (1975/1979) um apartamento de três quartos na Superquadra Sul 111, com todos os problemas de um trio desorganizado. Dos três, só Leônidas Sampaio reelegeu-se.

Autor do golpe que arruinou essa república, Jorge Moura hoje se diverte ao lembrá-lo: “A república não tinha condições de subsistir.

Era uma verdadeira bagunça. Muita poeira, muita sujeira. A gente, chegava à noite e descobria que tinham desligado a luz e o telefone por falta de pagamento, porque ninguém se lembrava de pagar. Nunca se abria a geladeira para encontrar uma garrafa com água. Era melhor morar debaixo de uma ponte. Daí, cada um foi morar num hotel”.

JORNAL DO BRASIL